

# **‘QUARUP’: A ‘DESEDUCAÇÃO’ DO PÚBLICO**

Sérgio Alcides  
Universidade Federal de Minas Gerais  
sergioalcides@ufmg.br

**RESUMO** *O romance Quarup, de Antonio Callado, publicado em 1967, marcou o ambiente cultural e o debate público sobre o papel da intelectualidade diante da crise política vivida no Brasil desde o golpe militar de 1964. Tem sido observada nesse livro a oscilação entre a utopia e o desencanto. No entanto, a pesquisa sobre a sua primeira recepção mostra que o polo desencantado inicialmente não despertou tanta atenção quanto o apelo ao engajamento político do intelectual, no sentido proposto por Jean-Paul Sartre. Este artigo discute esse fato a partir da análise de alguns dos principais aspectos do contexto da publicação do romance.*

**Palavras-chave** *Antonio Callado, romance brasileiro, ditadura militar, engajamento político.*

**ABSTRACT** *Since it came out in 1967, Antonio Callado's novel Quarup became a milestone in the Brazilian cultural setting and the public debate on the role of intelligentsia in response to the military coup of 1964. The oscillation between utopia and disenchantment has been noted in the book. However, research on its immediate reception shows that firstly the disenchanted side did not attract as much attention as the demand for political engagement of intellectuals, in the sense proposed by Jean-Paul Sartre. This article discusses this fact by analyzing some of the main aspects of the intellectual and political context of the novel's publication.*

**Keywords** *Antonio Callado; Brazilian novel; military dictatorship; political engagement.*

O Ato Institucional nº 5 foi baixado a 13 de dezembro de 1968. No dia 14 mandaram prender Antonio Callado. Um indivíduo com esse nome foi levado para a Vila Militar, no Rio de Janeiro, onde fez o seguinte pedido a seu companheiro de cela, o poeta Ferreira Gullar: “O senhor, que é jornalista, fale com os homens que nunca escrevi nada, nem livro, nem artigo. Mal sei escrever” (Ventura, 2008, p. 263). Era um homônimo do autor de *Quarup* – o romance brasileiro mais lido naquele ano que chegava ao fim junto com as últimas ilusões de quem ainda acreditava que o regime de exceção instalado em 1964 acabaria a curto prazo.

O escritor seria detido horas depois, em sua segunda prisão desde o golpe militar, desta vez por uma temporada de duas semanas. A anedota exprime uma ironia dolorosa: o romance social, que almejava uma interferência direta no curso da história e procurava aproximar a literatura das pessoas em geral, para além da intelectualidade e do restrito público leitor, chegara a interferir diretamente num dia da vida de um cidadão comum, que de repente se viu bem próximo de um poeta importante – só que em plena cadeia. Por outro lado, a ordem de prisão contra um escritor (e jornalista) confirmava que a expectativa de efetividade política da palavra escrita estava presente também no lado da repressão.

Cinquenta anos depois, em contexto que lamentavelmente lembra alguns aspectos do tempo sombrio de *Quarup*, este em particular parece esquecido: o apelo ao “engajamento” da literatura, à esquerda, ou, do ângulo oposto, o receio de que ele surta efeito imediato. Também por isso é tão fascinante reler depois de 2016 o romance com que Callado pretendeu reagir a 1964. A distância no tempo ressalta o que se tornou anacrônico, no livro. Já no espaço a sociedade brasileira felizmente continua próxima, mas seu caráter hierárquico, excludente e violento não mudou tanto quanto se pretendeu ou sonhou, após o fim da ditadura militar, em 1985. Daí a perturbadora sensação de atualidade que brota da estória de Nando, o protagonista que se embrenhou no Xingu em busca do centro geográfico – e da alma – do Brasil.

Essa duplicidade entre o anacrônico e o atual de algum modo ecoa o teor ambíguo que desde sempre se inscreveu nas páginas do romance: *Quarup* era um chamado à ação, mas não deixava de ser também um detalhado estudo sobre a intelectualidade brasileira, inclusive aquela que se pretendia mais “progressista” ou esclarecida. Os leitores mais argutos não deixaram de apontar no romance uma “dimensão crítica” (ou mesmo autocrítica). Ligia Chiappini, por exemplo, chama a atenção para “uma crítica radical ao projeto iluminista e à retórica dos intelectuais que se propõem como líderes do povo” (Chiappini, 2010, p. 36). Eduardo Jardim observa que o livro “reivindica a implantação

de uma nova ordem, mas, ao mesmo tempo, põe em dúvida a possibilidade de realização dessas aspirações” (Jardim, 2017, p. 52). A contradição entre utopia e desencanto seria estrutural para a narrativa e a caracterização dos personagens (Cf. Chiappini, 2010, p. 66).

Contudo, a pesquisa sobre a primeira recepção de *Quarup* mostra que o polo desencantado não pareceu tão apreensível, de imediato. Um rastilho de pólvora: assim se espalhou o entusiasmo do público pelo “romance da crise brasileira de nossos dias”, como dizia o texto editorial da contracapa: da leitura desse livro, “ninguém sairá inatingido no mais profundo de sua consciência” (Callado, 1967, quarta capa). A expedição ao centro geográfico do território também visava ao cerne da consciência pública nacional – e se arriscava assim a encontrar também neste o imenso formigueiro que Nando e seus companheiros descobriram no outro, fervendo “com um fogo negro-fulvo de cabeças e ferrões” (Callado, 2014, p. 350).<sup>1</sup>

O fervor de *Quarup* foi um fenômeno de 1967 – como tantas marcas do 1968 brasileiro, sua cultura e sua radicalidade. A publicação data de junho daquele ano. No romance, a expedição ao centro também ocupa o meio da narrativa – que transcorre em dez anos cruciais da história então recente, desde a crise de 1954, que levaria Getúlio Vargas ao suicídio, até os meses imediatamente posteriores ao golpe de 1964. Os ângulos adotados, no entanto, fogem da centralidade política e cultural do Sudeste, para ressaltar aspectos do Brasil mal conhecidos pela esfera do público: os movimentos sociais do campo, particularmente em Pernambuco, e o destino das populações indígenas, inclusive os grupos ditos “isolados”, na região do Xingu.

O padre Nando é um jovem intelectual ligado às então recentes inclinações da Igreja Católica para a esquerda. Envolvido com a politização dos camponeses pernambucanos, ele sonha em mergulhar no Brasil profundo, a fim de fundar sua utopia junto do gentio. Sua trajetória passa pela descoberta do sexo e da política real, nos meandros da capital (ainda o Rio de Janeiro) e do Estado, através do antigo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), pertencente ao Ministério da Agricultura. No Xingu o herói abandona a batina e se torna um indigenista a mais no posto Capitão Vasconcelos. Lá, os índios preparam a festa do *quarup* – que ritualmente pretende trazer os mortos de volta à vida social. Só depois se organiza a ida ao centro geográfico, uma viagem em busca do conhecimento de um Brasil sempre esquivo e irreduzível. É nesse contexto que se aprofunda a relação amorosa entre Nando e Francisca, que em Pernambuco tinha sido a

1 Sobre a noção de “público”, ver Habermas, 1992; Koselleck, 1999; e Taylor, 2004, pp. 83-99.

noiva do ativista Levindo, assassinado em conflito com latifundiários e usineiros. Poucos anos depois o casal de militantes está de volta ao Nordeste, onde trabalha na alfabetização de camponeses e pescadores, quando vêm o golpe, as prisões, a tortura e o beco sem saída, que leva Francisca para o exílio e empurra Nando para a clandestinidade e a luta armada, depois de retomar em sua comunidade o *quarup* dos índios, com a celebração dos dez anos do sacrifício de Levindo.

Onde estaria o personagem, se fosse real, quando o romance chegou às livrarias? O ano de 1967 se iniciara com a rejeição de eleições diretas pelo Congresso e a imposição de uma nova constituição. Esta vinha abrir um marco de legalidade postiça para o regime ditatorial. Entre suas disposições, várias hoje parecem preparar o formigueiro da nação para os abusos do AI-5 e das emendas introduzidas em 1969: eleições presidenciais indiretas, restrições ao direito de greve e à liberdade de expressão, ampliação da justiça militar, ênfase no tema da “segurança nacional”. Com tais sinais de fortalecimento da “linha dura”, tomou posse da Presidência da República, em março, o ministro da Guerra do governo anterior, Artur da Costa e Silva. Tinha sido eleito indiretamente pelo Congresso (com abstenção de toda a bancada da oposição), depois de ser elevado à patente máxima de marechal do Exército (Cf. Lemos, 2001).

Callado era então um dos jornalistas mais reconhecidos do país, ex-redator-chefe do *Correio da Manhã* e editorialista do *Jornal do Brasil*, com passagens pela BBC de Londres e pelo Serviço Brasileiro da Radio-Diffusion Française, em Paris. Estava associado à esquerda desde muito cedo, e grande parte da ficção elaborada em *Quarup* se ligava diretamente à anterior atividade jornalística do autor. Sobretudo à sua cobertura, em 1952, da expedição às cabeceiras do rio Xingu patrocinada pelos Diários Associados e liderada pelo sertanista Orlando Villas Boas, à procura da ossada do explorador inglês Percy H. Fawcett, que desaparecera na região em 1925. Foi o primeiro contato direto do escritor com índios (de várias tribos) e com a região xinguana, o qual resultaria no livro-reportagem *O esqueleto na lagoa verde* (Callado, 1953). Pouco depois, em 1958, ele voltaria ao local do futuro parque indígena acompanhando o grupo integrado por Aldous Huxley e Elizabeth Bishop (Cf. Arruda Callado, 2012, p. 13).

Também marcou a ficção de *Quarup* uma polêmica série de reportagens de Callado sobre a desapropriação do Engenho Galileia, em Pernambuco, publicada pelo *Correio da Manhã* em 1959 e em livro no ano seguinte. Desse modo o repórter contribuiu decisivamente para dar notoriedade em âmbito nacional para a atuação no Nordeste das Ligas Camponesas e seu líder, Francisco Julião (Callado, 1960). Outras reportagens de grande impacto saíram no *Jornal do Brasil*, em 1963, acerca das reformas socializantes introduzidas pelo novo governador pernambucano, Miguel Arraes, e do envolvimento da ala “progressista” da

Igreja católica; a série tinha chegado às livrarias poucos meses depois do golpe de 1964, que levava Arraes à prisão e, depois, ao exílio (Callado, 1964). O repórter também trazia no currículo um par de romances (Callado, 1954 e 1957) e algumas peças de teatro, sendo mais conhecida a que estreara em 1957, *Pedro Mico*, dirigida por Paulo Francis para o Teatro Nacional de Comédia, em que a cenografia de Oscar Niemeyer representava a favela onde vivia o herói – um revolucionário negro, espécie de novo Zumbi (Callado, 1957a).

Os antecedentes jornalísticos ajudam a entender o plano e alguns elementos de *Quarup*, embora de jeito nenhum o “expliquem”, já que a parte da imaginação não se deixa subordinar ao material colhido em campo.<sup>2</sup> Entretanto, se desejamos compreender também o fenômeno histórico do romance, em sua primeira recepção, faltaria assinalar o papel de intelectual público (se não for redundante a expressão) que tanto o escritor quanto o jornalista desempenhavam no período. Um antecedente significativo para isso foi o episódio dos “Oito do Glória” – uma das primeiras manifestações contra os abusos do regime militar. No dia 17 de novembro de 1965, no Rio de Janeiro, seria aberta a 2ª Conferência Extraordinária da Organização dos Estados Americanos (OEA), sediada no Hotel Glória, com a presença do Marechal Castelo Branco, que então ocupava o cargo de presidente da República. Do lado de fora, uma faixa saudava os participantes estrangeiros com os dizeres: “*Bienvenidos a nuestra dictadura*”. Os oito manifestantes foram imediatamente presos: dois jornalistas e escritores (Callado e Carlos Heitor Cony), um poeta (Thiago de Mello), três cineastas (Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade e Mário Carneiro), um diretor teatral (Flávio Rangel) e um diplomata (Jaime de Azevedo Rodrigues).<sup>3</sup>

Callado e seus companheiros foram levados para o quartel da Polícia do Exército (PE), na rua Barão de Mesquita, no Maracanã, onde permaneceram encarcerados por quase um mês. A repercussão negativa na imprensa, dentro e fora do Brasil, contribuiu para que fossem finalmente postos em liberdade – mas sobretudo demonstrou a existência de um elo público entre o jornalismo, a literatura e outras artes. Desse âmbito alargado da cultura se poderia esperar uma palavra de intervenção.

Nessa zona de interseção social se gerou a forte expectativa causada pelas primeiras notas saídas em jornais do Rio sobre o novo romance que Callado

2 Ver, sobre a complexidade das relações entre reportagem e ficção na obra de Callado, Arrigucci Jr., 1997. O que diz Alexandre Nodari (2008, p. 9) sobre o “silenciamento simbólico” dos indígenas em Quarup – supostamente submetidos a “simplificação” devida a “ausência de qualquer pesquisa aprofundada (para não dizer interesse)” – é o exato oposto da verdade.

3 Ver, sobre o episódio, o depoimento prestado pelo próprio Callado, em Ridenti, 2016, pp. 104-106. Ver também Arruda Callado, 2012, p. 12.

lançaria em breve.<sup>4</sup> Em fins de junho de 1967 o livro estava nas livrarias, publicado pela Civilização Brasileira, a editora de Ênio Silveira, cuja sede muito a propósito ficava numa rua chamada Sete de Setembro, no centro do Rio. Na época, era a casa editorial mais associada à esquerda – e em seu próprio nome denotava um vínculo estreito com o projeto modernista que vinha da década de 1920. Em 4 de julho, o “Panorama das Letras”, do *Jornal do Brasil*, informava que a publicação recebia “grande aceitação do público”. No mesmo diário, a 18 desse mês, a coluna “Informe JB” registrou um fato raro:

Ontem, no botequim do Lili, era proibido falar. Estavam todos lendo *Quarup*, de Antonio Callado. O livro exige concentração.

Desse modo, a primeira tiragem não demorou a se esgotar. Em dezembro de 1967 já estava distribuída a segunda – e a terceira saiu emblematicamente em maio de 1968. Cada leva chegava à marca de dez mil exemplares, e não espanta a constatação feita anos depois de que *Quarup* foi o livro mais vendido no Brasil durante a década de 1960 (Cf. Cortina, 2006, p. 105). “Muita gente não leu”, disse uma colunista do “Caderno B”, do *Jornal do Brasil* de 17 de abril, sobre *Quarup*. “Mas porque ficou na moda todo mundo fala dele como se tivesse lido”.

1968 começou embalado pela estória de Nando e Francisca, que era também a narrativa alegórica do amor (difícil) da intelectualidade pela pátria – e do apelo ao sacrifício por esta. Na moda, na praia, nos botequins, nos jornais, a presença de *Quarup* significava bem mais do que um evento literário. Nesse período a opinião pública se abriu amplamente para o tema da luta armada como alternativa política, à medida que se espalhava também a notícia de que a tortura era praticada nos porões da ditadura.

*Quarup* foi uma das três obras que tiveram papel fundamental nesse sentido. As outras duas foram o filme *Terra em transe*, de Glauber Rocha, e outro romance, *Pessach: a travessia*, de Carlos Heitor Cony. Coincidentemente, as três tiveram trechos importantes escritos na mesma cela da PE, depois da prisão dos “Oito do Glória” (Cf. Kushnir, 2000, p. 232).<sup>5</sup> Em todas, no fim, o herói termina com uma arma na mão. Como Nando, o poeta e jornalista Paulo Martins (interpretado por Jardel Filho) também se vê sem outra saída, na alegórica República de Eldorado glauberiana. Mais resistente a uma atitude

4 A nota mais antiga que encontrei, em pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>) data de 31 de dezembro de 1966, da coluna de Valdemar Cavalcanti em *O Jornal*: “Antonio Callado com romance novo, pronto para o prelo: *Quarup*”.

5 Ver também os depoimentos de Callado (1993) e Cony (1993) a respeito.

de participação, o escritor Paulo Simões, de *Pessach*, será progressivamente arrastado para a guerrilha (Cony, 1967).

*Terra em transe* estava proibido em todo o território nacional quando foi exibido no Festival de Cannes e venceu o Prêmio da Crítica Internacional, em maio de 1967. Nesse mês, *Pessach* começou a ser distribuído. Na sua coluna no “Caderno B”, o cronista José Carlos Oliveira, que era um dos mais lidos do país, contou que Cony já tinha percebido “uma semelhança estrutural e ideológica entre o seu livro, o filme *Terra em transe* e o romance *Quarup*, de Antonio Callado, ainda inédito”. Essa afinidade era o salto participativo:

Da mesma forma como a juventude aderiu a Glauber Rocha e a Nelson Pereira dos Santos, Cony atrairá os melhores dentre nós – aqueles para os quais escrever, por exemplo, não é um luxo que conduz à Academia, e sim uma arma com a qual podemos lutar contra os inimigos do homem (Oliveira, 1967a).

Callado não divergia desse posicionamento, como deixou claro em “orelha” que redigiu para a reimpressão de um romance anterior de Cony, lançada em 1968 pela Civilização Brasileira: para ele, *Pessach* era “um divisor de águas na obra e (...) na vida” do autor. Por quê? A resposta era simples: “É seu primeiro livro de autor engajado na luta revolucionária de seu tempo” (Callado, 1968). O breve trecho indica a retomada de uma herança importante do romantismo, de valor existencial: a politização da estética também engajava a obra e a vida, como coisas indissociáveis.

A expectativa de que a escrita (ou a cinematografia) atuasse como arma na mão foi a marca mais específica do momento de *Terra em transe*, *Pessach* e *Quarup*, tanto do ponto de vista da criação quanto na linha de chegada: a leitura passara à ação. A esse respeito, o sisudo “Informe JB” de 30 de junho – quando o romance de Callado mal saíra dos prelos – permitiu-se uma ironia: “Ler *Quarup* é indispensável, para estar bem com a civilização brasileira”. O nome da editora já indicava a “causa” a perseguir.

Contudo, enquanto a repressão atacava duramente os movimentos sociais, na esfera pública ainda se dispunha de alguma liberdade, antes do AI-5. Em 1967, a luta armada era objeto de debate aberto. No início do ano tinha sido publicado em Paris o libelo de Régis Debray, que não deixou de ecoar no Brasil: *Révolution dans la révolution?* – indagava o título, antes de explicitar o assunto: *Lutte armée et lutte politique en Amérique Latine em 1966* (Debray, 1967). Na capa, o livro exibia os retratos de Fidel Castro e Ernesto “Che” Guevara. O postulado principal, a partir de discussões com os líderes da revolução cubana de 1959, era o chamado “foquismo”: a organização de focos de vanguarda revolucionária por toda parte, em âmbito internacional, a fim de despertar as

massas em cada país e assim enfraquecer o imperialismo das potências do Primeiro Mundo.

O próprio Callado fez a resenha, para o “Suplemento do Livro”, do *Jornal do Brasil* de 17 de junho. “Debray é o primeiro filósofo armado”, afirma. E observa como a doutrina do autor alterava a relação entre os partidos e os movimentos revolucionários:

Debray prega a guerrilha como a guerra que há de libertar a América Latina, talvez sem o Partido Comunista, talvez quase a despeito ou contra ele. Debray não parte da ideia de uma revolução. Parte dela, da guerrilha. A guerrilha é que gerará a revolução e o Partido (Callado, 1967a).

Junto ao texto, diagramada acima de uma fotografia do ativista francês, uma nota informava que o resenhista estava com “um livro novo quase nas livrarias”, no qual se avistava “um Brasil em que as cidades, o interior, os indígenas se encontram nos seus diferentes planos de vida e de crença”.

No âmbito da literatura e das artes, a contraparte do chamado às armas era a adoção de uma estética de participação, que pretendia livrar o refinamento artístico de seu vínculo tradicional com as classes dominantes, solidarizando-o, supostamente, com o ponto de vista e os interesses das camadas oprimidas pela ordem burguesa. Do ângulo particular do escritor e do artista, tratava-se de compreender, antes de mais nada, a “situação” do sujeito. “O homem não é mais que uma situação” (Sartre, 1945, p. 27), escreve Jean-Paul Sartre, que nessa época era um filósofo especialmente próximo da esquerda latino-americana, sobretudo por seu alinhamento às lutas anticolonialistas e sua tomada de posição a favor da Revolução Cubana, em 1959. À frente da revista internacionalista *Les Temps Modernes*, editada na França, Sartre formulou o conceito mais acatado de “engajamento” nas artes. Para ele, o artista não tem a liberdade de não fazer uma escolha política: “Ele está engajado. É preciso apostar. A abstenção é uma escolha” (*idem*, p. 28). Aquele que pensa abraçar o absenteísmo apenas permite o próprio engajamento na ordem dominante.

Tal era o contexto intelectual e político imediato de *Quarup*. Reflexos do debate sobre a luta armada bailavam nos paratextos da primeira edição. Na capa de Marius Lauritzen Bern, uma seta vermelha atingia em cheio o círculo branco que se destacava sobre o fundo preto. O texto de quarta capa, já citado, recorria à linguagem do sacrifício diante de uma crise que atingia “de maneira peculiar a cada um de nós, mas que de todos – inocentes ou culpados, atores ou



espectadores – exige o pagamento de amargo quinhão”.<sup>6</sup> A “orelha”, assinada pelo jornalista e crítico literário Franklin de Oliveira, ressaltava o valor ético do romance, “a par de sua importância estética”:

Das páginas deste romance sairá outro tipo de Homem Brasileiro, mais aderido à vida, mais sensível à sua límpida grandeza, tão magna é a revolução que ele deflagará em nossa consciência (Oliveira, 1967).

A magnitude das expectativas punha o romance em posição privilegiada, no debate contemporâneo. Com ele se atingia o ápice da escalada de interesse público pelo engajamento, às vésperas de 1968. Se *Terra em transe* optava pelo esquema alegórico e *Pessach* se restringia ao ponto de vista individual, narrado em primeira pessoa, *Quarup* se apresentava como o “romance nacional” por excelência: aberto em perspectiva épica, num plano que cobria desde as origens ameríndias até o horizonte futuro prometido pela luta armada. “Sua estória é a história presente do Brasil” – como dizia a “orelha”.

Ficou famoso o vaticínio de Franklin de Oliveira: “*Quarup* representará para a literatura brasileira, no decênio de 60, o mesmo impacto que, na década de 50, importou *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa” (Oliveira, 1967). Por uma coincidência triste, o criador de Riobaldo viria a morrer a 19 de novembro, de enfarte, alguns meses depois do lançamento de *Quarup*. Mas não sem antes, a 13 de agosto, enviar a Callado um bilhete registrando suas impressões:

Acabei de ler. Primeira leitura. O detalhe, o pormenor. A gente para. (...) E está cheio de frases, de pensamentos importantes, metidos em parágrafos de ação, de movimento. Muitas vezes passei por eles. E pulei para trás. Coisas sérias e graves. Não só como leitura. Para a vida da gente também. Para guardar. Para meditar. *Quarup* saiu grande na pintura e no desenho, nas minúcias e no todo, em fundo e na superfície. Colosso (*apud* Arruda Callado, 2013, p. 81).

Não sabemos a reação de Callado (que era conhecido pela discrição) às palavras do colega mais velho e mais consagrado. Mas elas deixam claro o sentido de reconhecimento e sanção fraterna, como endosso do missivista, ao terminar a leitura relatada, da profecia que constava da “orelha”.

O aspecto colossal frisado por Guimarães Rosa ainda se materializava no próprio objeto, fisicamente: um volume de quase quinhentas páginas que

6 Para registro, deve constar o fato engraçado de esse texto institucional ser intitulado com os dizeres em latim “*Per ardua ad astra*” (“por árduas vias até os astros”) – que são no Reino Unido o lema da Royal Air Force (RAF), também sugestivo da noção de sacrifício pela elevação da pátria.

o leitor levava para casa por dez cruzeiros novos. Também no peso era “um *senhor-romance*”, como diz Franklin de Oliveira (1967, grifo do autor). Ou “um tijolão”, na observação maliciosa de Millôr Fernandes, em sua coluna, no *Correio da Manhã* de 10 de agosto: “Se fosse gente, seria no mínimo um bispo” (Fernandes, 1967). “Está ali, na minha frente, me olhando, em desafio”, ironiza o humorista, ao confessar que ainda não leu o que todo mundo em volta dele estava lendo. “Quero ver quando é que ele vai arranjar tempo para me enfrentar” (*idem*).

A pressão para a leitura era alta, no meio intelectual mais inclinado à esquerda. As primeiras reações (entusiásticas) começaram a ser divulgadas dias apenas depois da publicação. A 8 de julho o “Informe JB” já repercutia as opiniões do “médico e escritor” Hélio Pelegrino – para quem *Quarup* seria para a literatura brasileira o que *Guerra e paz*, de Tolstói, era para a russa – e do “crítico” Leandro Konder – “um livro que marcará época”. Eneida de Moraes, no seu “Encontro Matinal” do *Diário de Notícias*, fez uma resenha curta, a 15 de julho; ex-militante do PCB, espinafrou os personagens comunistas, mas não destoou da exaltação: era “um grande e belo romance, que precisa e merece ser lido” (Moraes, 1967). Até o *Jornal dos Sports* aderiu ao coro, a 4 de agosto (dia de Fla x Flu pela Taça Guanabara), com uma ampla matéria no seu suplemento “Cultura JS”, incluindo um trecho do romance em primeira mão.

Um ponto de vista moderado sobre *Quarup* saiu na página de opinião do *Jornal do Brasil* de 4 de setembro, na coluna semanal de Barbosa Lima Sobrinho. Para ele, o livro surgia “como a confiança de uma geração que já não sabe como reagir, ou sobreviver, em face de uma realidade que a esmaga” (Lima Sobrinho, 1967). De fato, o encurralamento amargo e impiedoso antecede a decisão de pegar em armas, nas três obras que marcaram o ano. De outra forma não parece possível a Paulo Martins, Paulo Simões e Nando/Levindo vencer a perplexidade diante das circunstâncias políticas e das injustiças estruturais que vêm a confrontar. É como se a intelectualidade não estivesse preparada para uma reação, no momento “da crise que mais demoniacamente já feriu o Brasil” (Oliveira, 1967).

Entretanto, antes que pudessem ver em *Quarup* um “romance de formação” ou “de educação”, nos moldes germânicos do *Bildungsroman*, Callado marcou o desfecho com a ideia oposta. Nas últimas linhas da narrativa, o ex-padre, ex-sertanista e ex-intelectual penetra armado no sertão, acompanhando um guerrilheiro do povo:

Nando já a cavalo mal ouvia Manuel Tropeiro. Sentia que vinha vindo a grande visão. Sua deseducação estava completa (Callado, 2014, p. 554).

A continuação revela o substrato alegórico, subjacente ao traço realista, de maneira que o herói possa resumir a intelectualidade, enquanto sua amada – sempre esquivada, e agora exilada – fique simbolicamente assimilada à própria pátria:

O ar da noite era um escuro éter. A sela do cavalo um alto pico. Da sela, Nando abrangia a Mata, o Agreste e sentia na cara o sopro do fim da terra saindo das furnas de rocha quente. E viu: aquele mundo todo com sua cana, suas gentes e seus gados era Francisca molhando os pés na praia e de cabelos ardendo no Sertão (*idem*).

As iniciais maiúsculas – a Mata, o Agreste, Francisca, o Sertão – vêm cumprir a fusão simbólica entre a particularidade dos personagens e seu aspecto alegórico, mais amplo. Para essa realidade é que Nando precisou “deseducar-se”, desprendendo-se de uma formação artificial que o impedia de alcançá-la.

O próprio Callado, entrevistado dias depois do lançamento de *Quarup* pela “Página Literária” do *Diário de Notícias*, frisou justamente essa problemática. “O livro, de certa forma, é uma tentativa para que os brasileiros ingressem no século XX”, disse o escritor. O entrevistador o interrompeu: “De que maneira? Educando-se?” E a resposta veio imediata:

Principalmente deseducando-se. O brasileiro vive num ambiente de falsa cultura, de uma cultura extravagante e que desconhece a realidade do país. É preciso alfabetizar as massas e deseducar as elites (Callado, 1967b).

O escritor sublinhava desse modo exatamente a missão de Francisca, alfabetizadora de camponeses e pescadores, e o destino de Nando. Não demorou a revelar que o título provisório do romance era “A deseducação de Nando”.<sup>7</sup> E, entrevistado também pelo *Jornal do Brasil*, em agosto, procurou afastar-se do modelo clássico:

Os alemães fazem romance de educação, onde os personagens são mostrados nas diversas etapas de sua formação cultural. Callado afirma que fez “um romance de deseducação”. Seu personagem Nando parte de uma concepção de mundo barroca, sofisticada, e vai despojando-se dela em busca de um contato mais direto com a realidade (“Caderno B”, 1967).

Sem malcriação não se alcançaria a dignidade humana, no Brasil herdeiro do genocídio dos índios, da escravização dos africanos e seus descendentes, da espoliação dos camponeses e de tantas outras injustiças. No *Bildungsroman*

7 O tema da “deseducação” foi justamente a tônica do artigo de Ferreira Gullar sobre *Quarup*, publicado na *Revista da Civilização Brasileira* (Gullar, 1967).

invertido de Callado, o herói “se deseduca” até estar pronto para o enfrentamento – no caso, armado – da realidade. São anos de “desaprendizado”: a narrativa de *Quarup* não aspira ao teor “espiritual” ou metafísico que caracteriza o romance de formação. Trata-se da politização da consciência, formadora de “outro tipo de Homem Brasileiro”. As iniciais maiúsculas, porém, traem a infiltração do materialismo: elevado acima de si mesmo e da realidade que o circunda, ele já pode ir em busca de sua meta política – pela qual está pronto a “pagar seu quinhão”.

Essa elevação foi o que mais impressionou o público na primeira recepção de *Quarup*. Callado conduz a estória de Nando de maneira a transformá-lo – em termos sartreanos – num “centro de indeterminação irreduzível” (Sartre, 1945, p. 26). A “deseducação” libera-o para autodeterminar-se, conforme uma tomada de consciência que lhe aponte as próprias escolhas. Ele contrasta assim com Fontoura, o sertanista desencantado, entregue à malária e ao álcool, incapaz de suportar a própria consciência trágica que tem a respeito do destino dos índios que deseja proteger. Para este, se houvesse parque indígena, seria melhor cercá-lo inteiro de arame farpado: “Eletrificado. Contra o Brasil” (Callado, 2013, p. 148). Seu grande feito foi descobrir o imenso formigueiro no centro geográfico, onde chegará doente e cairá morto – em página antológica da literatura brasileira:

Fontoura se levantou, mas pesado, muito mais pesado do que antes. Francisca esfregou a cara e o pescoço de Fontoura negros de saúvas, passou a mão no próprio rosto, arrastou Fontoura para fora do formigueiro que agora fervia com um fogo negro-fulvo de cabeças e ferrões. Fontoura caiu sem sentidos e Francisca o agarrou pelos sovacos, arrastou-o por cima de milhões de formigas, arrastou-o com um esforço bruto até não saber mais se o arrastava ou se eram seus próprios braços que alguém puxava pelas mãos, se não eram as saúvas que a chupavam com seu fardo para dentro do caldeirão borbulhante. Depois o tranco nas costas, a escuridão. Nando encontrou Francisca sem sentidos contra um tronco de árvore, sentada. Entre suas pernas, aninhado no seu ventre, Fontoura como se tivesse acabado de nascer dela. Só que estava morto (Callado, 2013, p. 350).

A imagem lembra uma *Pietà* precarizada: a pátria mal pode sustentar o fardo de seu filho desperdiçado. Chegando ao fim o leitor saberá que, ao testemunhá-la, Nando cumpria uma etapa de sua “deseducação”. Da mesma forma – assim esperaria o autor – podia ir o leitor brasileiro desvencilhando-se do seu próprio modo convencional de (des)conhecer o Brasil. Callado ainda acena para os precursores de sua tentativa de abarcar o país com a literatura, mais claramente para o Mário de Andrade de *Macunaíma*, pelo famoso ditado: “Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são” (Andrade, 1988, p. 69).<sup>8</sup>

8 Ver, a respeito do refrão de *Macunaíma*, Mello e Souza, 2003, p. 52.

Aludindo ao mesmo bordão ele se distancia, com Mário de Andrade, de um discurso médico-sanitarista a respeito do Brasil e da sociedade brasileira – assim como Nando se distancia de Ramiro, que ecoa sarcasticamente a frase famosa do Dr. Miguel Pereira, para quem “o Brasil é ainda um imenso hospital” (Callado, 2013, p. 118).<sup>9</sup> Ramiro é um intelectual de gabinete, de formação à francesa e herdeiro de uma farmácia anacrônica, que apenas por conexões sociais chega ao cargo de chefe do SNI; no Xingu, ele será o mais perplexo e talvez o mais estrangeiro de todos os expedicionários.

Por fim, entre a galeria de personagens representativos da intelectualidade brasileira que interferem no destino de Nando, não tem menor importância o repulsivo Coronel Ibiratinga, dublê de torturador católico e intérprete do Brasil, que frivolamente declara ao herói prisioneiro: “Meu inquérito é sobre a alma do Brasil” (Callado, 2013, p. 418) – antes de enviá-lo aos porões. A frase é tanto mais perturbadora por coincidir com a meta de Nando (e do próprio romance). Com Ibiratinga, o leitor se depara com um intelectual engajado, mesmo que à extrema-direita. Ele não oculta o seu projeto: “O Brasil começa conosco”, diz, justificando a tortura. “Começa agora” (*idem*, p. 438). Em suas mãos, o “deseducando” experimenta mais uma etapa de sua trajetória, crucial.

No fim, cumprido o périplo e assimilada a experiência, valem para Nando as palavras do teórico do engajamento:

Tal é o homem que concebemos: o homem total. Totalmente engajado e totalmente livre. É, no entanto, esse homem livre que se precisa *liberar*, alargando suas possibilidades de escolha (Sartre, 1945, p. 28, grifo do autor).

*Quarup* pretendia contribuir para essa liberação, no momento de sua primeira publicação. O engajamento de Nando na luta armada contra o regime militar supostamente correspondia ao do escritor, com suas armas próprias, pela mesma causa. No entanto, a suposição de uma “liberdade total” não implicava necessariamente a garantia do êxito: “uma serpente de ouro em relva escura” – dizem as últimas palavras do romance. Era como Nando via “o fagulhar ligeiro entre as patas do cavalo” (Callado, 2013, p. 555). A esperança precisaria avançar em meio à treva.

A ambivalência do romance, menos reconhecida em sua primeira recepção do que a médio e longo prazo, tem a ver com a cerrada crítica à intelectualidade, por um lado, e por outro com a virulência da repressão, retratada no capítulo 5 (“A palavra”). Esta só passaria a ser conhecida mais de perto depois do AI-5 –

9 Ver, sobre o discurso médico-sanitarista na “interpretação do Brasil”, Lima & Hochman, 2000.

e para o público em geral ainda mais tarde, com a abertura e o fim do regime militar, nos anos 1980. Inicialmente, o romance assumiu o valor de um apelo, e foi avidamente procurado como alternativa de saída para a sensação geral de impasse.

Enquanto isso, o ano de 1968 – radical, contracultural, antissistêmico – levaria adiante para toda uma geração o projeto de “deseducação” da esfera do público no Brasil. Não terá sido pouco relevante o papel de *Quarup*, nessa tarefa.

## Referências

- ANDRADE, M. de. “Macunaíma. O herói sem nenhum caráter”. Edição crítica coordenada por T. P. A. Lopez. Paris, Brasília: Association Archives de la littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XX<sup>e</sup> siècle, CNPq, Col. Archives, 1988.
- ARRIGUCCI JR., D. “O sumiço de Fawcett”. In: “Outros achados e perdidos”. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARRUDA CALLADO, A. “Antonio Callado: cadeira 8, ocupante 4”. Rio de Janeiro, São Paulo: Academia Brasileira de Letras, Imprensa Oficial, Série Essencial, 2012.
- ARRUDA CALLADO, A. (ed.). “Antonio Callado: fotobiografia”. Recife: Cepe, 2013.
- DEBRAY, R. “Révolution dans la révolution? Lutte armée et lutte politique en Amérique Latine en 1966”. Paris: Maspero, 1967.
- CADERNO B. “Quarup. A dança do Brasil de hoje”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 1 de agosto de 1967, “Caderno B”, p. 5.
- CALLADO, A. “O esqueleto na lagoa verde. Um ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett”. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1953.
- \_\_\_\_\_. “Assunção de Salviano”. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.
- \_\_\_\_\_. “A madona de cedro”. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- \_\_\_\_\_. “Pedro Mico e Colar de coral (teatro)”. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação e Cultura, 1957a.
- \_\_\_\_\_. “Os industriais da seca e os ‘galileus’ de Pernambuco”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.
- \_\_\_\_\_. “Tempo de Arraes. Padres e comunistas na revolução sem violência”. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1964.
- \_\_\_\_\_. “Quarup”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- \_\_\_\_\_. “A revolução na revolução?” *Jornal do Brasil*, 17 de junho de 1967a, “Suplemento do Livro”, p. 3.
- \_\_\_\_\_. “Antonio Callado fala sobre ‘Quarup’”. Entrevista. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 de julho de 1967b, “2ª Seção”, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Texto de “orelha”. In: CONY, C. H. “Matéria de memória”. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- \_\_\_\_\_. “Dois livros que saíram da prisão”. Folha de S. Paulo, 4 de abril de 1993, “Livros”, p. 11.

- \_\_\_\_\_. "Quarup". 23ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.
- CONY, C. H. "Pessach: a travessia". Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- \_\_\_\_\_. "Matéria de memória". 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- \_\_\_\_\_. "'Quarup' percorre dez anos de história brasileira não-oficial". Folha de S. Paulo, 4 de abril de 1993, "Livros", p. 11.
- CORTINA, A. "Leitor contemporâneo: os livros mais vendidos no Brasil de 1966 a 2004". Tese de livre-docência. Araraquara SP: Unesp, 2006.
- CHIAPPINI, L. "Antonio Callado e os longes da pátria". São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- FERNANDES, M. "Vis-à-vis, homem e obra". Correio da Manhã, 10 de agosto de 1967, "2º Caderno", p. 1.
- GULLAR, F. "'Quarup', ou ensaio de deseducação para brasileiro virar gente". *Revista da Civilização Brasileira* 15. Rio de Janeiro, setembro de 1967.
- HABERMAS, J. "The Structural Transformation of the Public Sphere. An Inquiry into a Category of Bourgeois Society". Tradução de T. Burger. Cambridge MA: MIT Press, 1992.
- JARDIM, E. "Tudo em volta está deserto. Encontros com a literatura e a música na época da ditadura". Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.
- KOSELLECK, R. "Crítica e crise". Tradução de L. Villas Bôas. Rio de Janeiro: UERJ/Contraponto, 1999.
- KUSHNIR, B. "Depor as armas: a travessia de Cony e a censura no Partidão". In: REIS FILHO, D. A. (ed.). "Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX". Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.
- LEMOS, R. "Artur da Costa e Silva". In: ABREU, A. A. de (ed.). "Dicionário histórico-biográfico brasileiro". Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, 2001. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/artur-da-costa-e-silva>. (Acessado em 5 de fevereiro de 2020).
- LIMA, N. T., & HOCHMAN, G. "Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país". *Ciência & Saúde Coletiva* 5, 2, 2000.
- LIMA SOBRINHO, B. "Entre o romance e o jornalismo". *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1967, p. 6.
- MELLO E SOUZA, G. de. "O tupi e o alaúde. Uma interpretação de 'Macunaíma'". 2ª edição. São Paulo: Editora 34, Duas Cidades, 2003.
- MORAES, E. de. "'Quarup'". *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 de julho de 1967, "2ª Seção", p. 3.
- NODARI, A. "Virar o virá, virá o virar". In PENNA, J. C. "O tropo tropicalista". Rio de Janeiro: Circuito/Azogue, 2008, pp. 9-19.
- OLIVEIRA, F. de. Texto de "orelha". In: CALLADO, A. "Quarup". Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- OLIVEIRA, J. C. "'Pessach'". *Jornal do Brasil*, "Caderno B". Rio de Janeiro, 9 de junho de 1967a, p. 3.
- RIDENTI, M. "Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV". São Paulo: Unesp, 2016.

SARTRE, J.-P. “Présentation des Temps Modernes” (1945). In: \_\_\_\_\_. “Situations, II. Littérature et engagement”. Paris: Gallimard, 1948.

TAYLOR, C. “Modern Social Imaginaries”. Durham NC: Duke UP, 2004.

VENTURA, Z. “1968, o ano que não terminou”. 3ª edição, revista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

